

MEMÓRIA POPULAR ARMANDINHO DO BIXIGA

Entrevista de Maria Paula Puglisi a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em 27 de janeiro de 1995, à rua dos Franceses, n. 99, Bixiga.

Maria Vicentina - Em 1992, quando me reencontrei com seu pai, tive oportunidade de conversar a respeito do Museu do Bixiga (MB), que era exatamente o resultado de toda uma atividade que ele desenvolveu ao longo da vida. A personagem principal de nossa conversa era o MB, mas quando o Armandinho entrava em cena, ele ficava sendo a personagem principal. Então, eu gostaria que você contasse um pouco daquilo que não ficou na nossa entrevista e retomasse depois, de onde nós paramos. Eu gostaria que, inicialmente, você falasse um pouco do Armandinho como pai, como chefe de família, como colecionador, como personalidade do Bixiga. Esteja à vontade para dizer o que quiser.

Maria Paula - Olha, Maria, o Armandinho era aquilo que eu falei: acho que ele era igual 24 horas por dia, independentemente de ser pai ou ser dono de museu. Ele sempre foi uma pessoa assim, ele sempre fez, primeiro, o que ele tinha vontade. Se ele tivesse vontade de tomar sorvete às 3 horas da manhã, ele acordava a gente e tínhamos que ir tomar o sorvete às 3 horas da manhã, porque ele tinha vontade àquela hora e de manhã não adiantava mais. Meu pai começou a ficar doente em março, ele não chegou a ficar um ano de cama. Em fevereiro, nós saímos lá, na Escola de Samba Vai-Vai, pois ele saía comigo todo ano. Engraçado, né? ele tinha uma forma de pensar diferente do mundo. Ele achava que nada na vida era errado, nada, mas que tudo na vida tinha hora e tinha lugar. Esse era o Armandinho pai. Ele acostumou eu e minha mãe da seguinte forma...

MV - Você é filha única?

MP - Eu sou filha única. Se tem dinheiro, tem, se não tem dinheiro, não tem. Então, quando a gente tem dinheiro, vai sair pra jantar fora, se não tem dinheiro, a mãe faz arroz e feijão e a gente ficava aqui, tudo junto e dava tudo certo. Ele viveu, eu acho que ele viveu. Ontem - posso fugir um pouco da nossa entrevista para eu te contar uma história, pra você entender mais ou menos o que era o meu pai? Olha, a gente sempre viveu muito bem. O difícil dele era só isso, era controlar tudo o que ele tinha nas mãos. Nossa Senhora, essa coisa que eu tô te contando, não é modo de dizer, não.

MV - Para você, o seu pai era um grande amigo.

MP - Ele era um grande amigo, ele sempre foi tudo, eu sempre falei tudo com ele.

MV - Maria Paula, você é muito moça, quantos anos você tem?

MP - 23

MV - Então, para você, a sua lembrança do Armandinho participante na comunidade do Bixiga começa quando? Quando você teve consciência do Armandinho cidadão, do Armandinho homem público?

MP - Eu não tinha consciência do homem público, mas dele participar, assim, desde pequenininha, foi sempre. Quando eu nasci, ele era presidente da Vai-Vai, então, desde pequenininha ele sempre teve essa coisa. Por exemplo, minha casa sempre viveu lotada, era um que tinha uma idéia e vinha contar, o outro que quer fazer não sei o quê. Digo sempre, porque ele sempre participou, porque eu gosto de festa também, né? Então a gente sempre viveu com essas coisas. A gente acha engraçado.

MV - Seu pai era um líder de uma rua ou de moradores? Como você acha que essa participação de seu pai ajudou o Bixiga, entre os membros da colônia italiana ou entre os descendentes de italianos?

MP - No sentido puro da palavra, não no sentido de, como se diz, escrever um verso, mas no sentido mais puro, eu acho que ele era um delegado do bairro, sabe, aquela coisa assim, porque as pessoas vinham reclamar para ele. Por exemplo, o Museu sempre foi para o meu pai uma coisa histórica, mas tem o outro lado, aquele que as pessoas que não são do Bixiga não sabem. Por exemplo, se estourou um buraco numa calçada, é no Museu que eles vêm reclamar, inclusive para mim, agora.

MV - O Museu era um centro de encontro da comunidade?

MP - Era, era um centro.

MV - Maria Paula, o que é essa comunidade do Bixiga para você? É todo o bairro da Bela Vista ou está restrita a algumas ruas?

MP - Não. O Bixiga... porque você sabe que ele não existe, né? Se você procurar em algum livro, Bixiga não existe. O meu pai costumava falar - e é muito verdade isso - que o Bixiga é um estado de espírito. Tem uma demarcação imaginária, mas, por exemplo, você sente a diferença da rua dos Ingleses ali do Museu do Bixiga, né? E da Eugênio de Lima, por exemplo, esquina com a São Carlos do Pinhal?

MV - Mas em toda a extensão da rua dos Ingleses você nota isso ou você seccionaria, por exemplo, só a área do Museu?

MP - Não, a rua inteira.

MV - Toda a rua vivia o Museu do Bixiga?

MP - Não, o bairro inteiro, o bairro todo.

MV - Então você delimitaria a rua dos Ingleses, a rua dos Franceses...

MP - Depois, se você quiser, eu te falo exatamente, porque agora eu não vou saber te falar, mas tem assim: Manoel Dutra, Conselheiro Carrão, rua Santo Antonio...

MV - Vem desde lá de baixo, desde a Vai-Vai?

MP - Olha, o Bixiga, mais ou menos, é a praça 14-Bis, vamos delimitar assim: praça 14-Bis, Brigadeiro Luiz Antonio, tô pondo os limites pra você, mais ou menos, entendeu? Rua Augusta..., sabe, vamos fazer um triângulo, entendeu? Brigadeiro Luiz Antonio, 14-Bis, tá certo? Entendeu mais ou menos?

MV - Certo, mais ou menos.

MP - E até ali a Santo Antonio, que faz um triângulo.

MV - Nesse raio, nós podemos dizer que havia uma influência sensível do Armandinho?

MP - É porque isso é o Bixiga.

MV - ... do Armandinho, uma personalidade dessa zona, aqui?...

MP - Ah, tem sim.

MV - ... dessa zona, que é uma "zona do Armandinho", se a gente pudesse colocar isso entre aspas?

MP - É. Uma zona é o que eu tô te dando o exemplo. Se estourar um buraco na rua, eles vêm aqui reclamar. Se cair uma árvore e a Administração não vier buscar, eles vêm aqui. Então, por isso que eu digo, não que meu pai tivesse autoridade sobre o bairro, de jeito nenhum, não era isso que ele tinha. O Museu era uma coisa assim, é, acho que era o pai do bairro, sabe? Já que o Museu tava aí pra cuidar do Bixiga, então, se estourasse um buraco, era aqui que eles vinham avisar e é bonito isso, Maria, porque a gente cai numa outra coisa, o Museu não vai acabar nunca.

MV - E isso é um outro dado que a gente vai ter que discutir depois.

MP - Porque é assim. Nessa área toda, vamos supor, se morrer uma pessoa na Manoel Dutra, amanhã a família vem inteirinha aqui, dá todas as roupas, todas as fotos. Entendeu? É assim que vive o Museu. Porque eles vêm aqui falar: "Olha, meu pai morreu e eu guardei uma peça", não sei o quê...

MV - Maria Paula, nós estávamos falando do Museu do Bixiga, que ele vive da doação dos moradores. Fale um pouco disto: vocês fazem alguma seleção dos objetos que recebem dos moradores, ou não? Ou tudo o que eles entregam vocês recebem e depois vocês mesmos destinam aquilo que acham que não é de museu? Você participa dessa organização? Você chegou a participar, ou não, ajudando seu pai a fazer essa coleta e seleção?

MP - Cheguei, cheguei. Tem uma coisa, Maria, o meu pai tinha coisa assim: ele acha que você nunca pode saber o que serve, ou não, para o Museu. Porque, vamos supor, esta garrafa, daqui a 100 anos, é para o Museu. Então, tudo pode ser que não sirva agora, mas chega uma hora que vai servir, entendeu? Então, no Museu, a gente tem um depósito, tudo o que a gente recebe, a

gente guarda lá. A gente vai no Museu, por exemplo, se você vier visitar o Museu hoje e vier visitar o Museu daqui a seis meses, o Museu é outro. Porque a gente vai trocando as peças em exposição, para as pessoas poderem continuar vindo visitar, porque senão eles vêm uma vez e não tem sentido vir a segunda.

MV - E vocês guardam aquelas peças que retiram?

MP - Vai pro depósito de novo.

MV - É uma espécie de reciclagem de peças que vocês fazem, não é?

MP - É, é. A gente vai mudando, as fotos, as peças. Então, tudo o que a gente recebe, por exemplo, de cada família a gente tem uma pasta de papel no arquivo.

MV - Vocês colecionam?

MP - Colecionamos todas as peças por família

MV - Vocês têm algum cadastramento das famílias?

MP - Só por essas pastas.

MV - Se, por exemplo, alguma família não te traz bem nenhum ou peça nenhuma, você não tem esse cadastro?

MP - Não tenho como ter.

MV - De quantas pessoas moram, de todas aquelas que participam...

MP - Ah, não, não. Cadastro, não. Eu tenho a pasta da família.

MV - A pasta da família doadora?

MP - É. Se morreu Fulano e me trouxe uma foto, vai ter a pasta da família tal, com uma foto, entendeu? Agora, cadastro, assim, a gente não tem, não.

MV - Vocês têm idéia de quantos italianos - uma espécie de recenseamento - de quantos italianos e descendentes, de quantos doadores quiseram colaborar com o Museu? Isso vocês nunca pensaram em fazer?

MP - Não, não.

MV - Somente nessa parte de doação?

MP - De doação, de guardar, de expor, né?

MV - E essas pessoas que doam mantêm vínculo com vocês ou se isolam?

MP - Não, mantêm sempre. Você sabe que é um Museu, né? É a bola de neve do Museu. Porque daí, vamos supor que uma pessoa traz uma foto do pai dela. Semana que vem, vem ela e a família inteira pra ver a foto do pai exposta. Daí avisam um amigo e, na outra semana, vem o amigo e pede: "Aí tem uma foto da família tal para eu ver?" então, eu acho que se a vida inteira a família vier aqui, lógico que aquela foto não vai estar em exposição, mas eu acho que, a partir do momento que tem uma foto da família dela no Museu, ela já é do Museu.

MV - Eu queria que você definisse, se puder, a classe social das pessoas que doam. São pessoas simples, ou são pessoas, assim, de uma posição economicamente mais hierarquizada? Você percebe uma característica mais popular?

MP - Não tem. É mistura. É muito... tudo... é bonito isso. Tudo que é feito no Museu é muito misto, muito. Você vê gente vindo aí, pobre, pobre mesmo, que você sente humilde, humilde, e você vê gente com carro importado parando



Entrada da cantina do Museu.

aquí, motorista descer pra trazer a foto porque morreu, sabe, e o gostoso do Museu é que, a partir do momento que entrou no Museu, acaba ficando tudo igual, sabe. Cê vê humilde conversando com milionário, o milionário dando risada do jeito dele...

MV - O milionário frequenta o Museu?

MP - Frequenta, frequenta, o bairro inteiro frequenta o Museu. Sabe que, por exemplo, de domingo, abre o restaurante do Museu, só que lá, o Museu fica aberto, fica sozinho, com as portas abertas, e sozinho. O sêo Batista vem, de vez em quando, que é o senhor que ajuda a gente, mas, normalmente, fica sozinho. Então, você, vira e mexe, vê alguém gritando assim: "Não pegue essa foto". Então, você olha e não é mãe falando com o filho nem nada, é algum morador falando com algum visitante, entendeu? "Não, não mexe aí, que vai cair", aquela coisa. Eles têm esse jeito italianado de falar. Então, assim sempre tem alguém no Museu, olhando, sempre tem quem não é do Museu, que não está sendo pago pra isso, eles têm esse carinho pelo Museu.

MV - Hoje, quem está tomando conta do Museu?

MP - Eu fico no Museu quando tem alguma coisa, por exemplo, se tiver alguma escola que venha, que eu precise falar alguma coisa assim. Agora, para visitaçã, quem fica no Museu é o sêo Ângelo, que é uma pessoa que ajuda a gente, já ajudava meu pai há muito tempo, conviveu com ele, já ficava com o meu pai a tarde toda, antes do meu pai ficar doente, e tudo, então, ele pegou uma carga muito grande. Primeiro, que ele era da turma de infância do meu pai, então todas essas histórias que meu pai tem de cabeça, ele também tem, porque ele também viveu. E esse tempo todo que ele ficou com o meu pai no Museu, ele pegou uma bagagem de como ele tem que lidar, o que ele tem de expor, o que não tem, então é assim: de quarta a domingo, das 14 às 18 horas, ele fica, porque foi o que eu falei, Maria. Teve uma reportagem antes de meu pai falecer que eu falei isso e acho que fui mal interpretada. Ela (a repórter) falou assim: "Você acha que você vai levar o Museu como seu pai levava?" Eu falei: "Não, eu não vou levar o Museu como pai leva, por mais carinho que eu tenha pelo Museu e tudo. Eu faço Direito, eu trabalho fora, eu pretendo seguir a carreira e tudo. Eu acho que eu tenho que levar o Museu, que eu quero levar o Museu, mas vai ser uma coisa paralela. Eu não tenho como ficar das 14 às 18 horas no Museu.

MV - Uma outra coisa, Maria Paula: o Museu não tem subvençã ainda, o Armandinho tentou e não conseguiu. Ele me disse, naquela entrevista, que estava tentando uma subvençã estadual ou municipal para tocar o Museu no sentido de conservaçã das próprias peças. Você está tentando conseguir?

MP - Não, a gente não tem. Olha, não tem, Maria, porque é difícil, sabe, o meu pai me falava a coisa, mas eu não vejo de que forma ele queria isso. Eu acho que ele acabou falecendo sem me esclarecer direito isso, porque ele deve ter falado naquela entrevista...

MV - Ele me falou alguma coisa, sim, quando disse que a casa...

MP - Que a casa é do Ministério da Fazenda...

MV - ...aquela história toda da casa, que ele conseguiu que ficasse para o Museu, de forma definitiva, uma doação, não é?

MP - Não, a gente usa a casa, mas a gente não conseguiu definitiva. É que meu pai, ele tinha uma coisa assim, por exemplo, ele acha que não tem que ter princípios de museologia, porque o Museu é um museu diferente, não é um museu acadêmico. Então ele acha, sim, como é a história dos "varridos da história", tem que ser uma coisa assim, por exemplo, você veio ver o brinquedo, você tem que pegar o brinquedo para brincar com o brinquedo, pra saber como eles brincavam. Não adianta você olhar pro brinquedo e alguém te explicar como eles brincavam, porque não vai ter emoção. E a museologia não aceita muito isso, porque as peças têm que estar isoladas por uma fita crepe, por uma coisa de conservação e tudo. Eu encaro essa coisa e entendo o que ele queria dizer, porque o Museu é todo diferente e eu acho que essa é que é a magia, essa coisa de você poder mexer.

MV - Quando você fez essas pastas, eu acho que aí está o grande nó do Museu, que vocês poderiam desenvolver, se é que isso já não está feito. Quando vocês recebem uma peça, uma fotografia, um objeto qualquer usado por uma família X, vocês fazem aquela descrição da peça, a catalogação, põem o nome, têm alguma coisa sumária sobre isso?

MP - Mais ou menos.

MV - Mais ou menos, como?

MP - Tem alguma coisa catalogada.

MV - Mas não tem equipe pra isso, não é?

MP - O Museu tem uma equipe que, se fosse uma coisa convencional, seriam os Diretores. Como não é, eles ajudam a gente: o Júlio Abe, que é fotógrafo, fez um trabalho maravilhoso pro Museu. A gente tem uma pasta com 12 mil fotos. É uma folha assim, que tem 12 fotos em cada folha. São as fotos antigas reproduzidas. Então, vamos supor, essa pasta fica aqui em casa comigo, se, Deus que me perdoe (bate na mesa), o Museu pegar fogo, eu tenho 12 mil fotos aqui.

MV - Do que está depositado lá?

MP - É, do que está depositado lá, que foi um trabalho da Secretaria da Cultura, o Júlio Abe, que é fotógrafo, que fez. Tem o Júlio Moreno, que é jornalista, o Wagner Suganelli... É duro falar assim, porque eu vou acabar esquecendo alguém. O Wagner Suganelli, o Paulo Santiago, Marcus Vinicius e Walter Tavelli.

MV - Esses seriam, por assim dizer, a equipe.

MP - É, a equipe. A equipe, na verdade, é o bairro inteiro. É o que estou te dizendo, entendeu, Maria? O bairro inteiro me ajuda, o bairro inteiro traz coisas, tudo. Agora, vamos supor, eu queria fazer o bolo, tá? Então, como é que eu vou fazer o bolo? Que é que eu preciso primeiro? Então eu ligo pra essas pessoas que eu te dei o nome: "Olha, Fulano, como é que a gente vai fazer? E o bolo? E não sei o que lá", entendeu? Então, são pessoas assim, que têm idéias do que fazer no Museu, você entende o que eu quero dizer?

MV - Participar dessa organização?

MP - É, são pessoas mais esclarecidas que a gente a respeito de museu, porque são fotógrafos, são jornalistas, agitador cultural, que é o Wagner, entendeu? São pessoas que ajudam o meu pai em tudo o que meu pai fazia. Meu pai ligava: "Ô Fulano, estou pensando em fazer tal coisa, que você acha?" Seria uma Comissão do Museu, pra levar o Museu pra frente.

MV - Você não acha, a essa altura, Maria Paula, que talvez essa comissão pudesse pensar alguma coisa como uma Semana do Museu do Bixiga, uma Semana da comunidade das ruas, pra deixar o Museu do Bixiga sempre vivo, para que as pessoas saibam que o Museu vai continuar?

MP - É, a gente está bolando alguma coisa, este ano a gente quer fazer algumas coisas assim. Eu não sei se você sabe, Maria, meu pai deixou um livro escrito?

MV - Ele havia comentado comigo, mas não entramos em detalhes.

MP - Você sabe que esse Júlio Moreno até, como eu estou te contando, que é um amigo dele, amigo de casa, que ajuda a gente em tudo, em fevereiro, quando meu pai ficou doente, já tinha esse projeto, e meu pai, acho que já sentindo que não estava muito bem, retomou com ele: "Júlio, vamos fazer um livro, você não quer anotar? Tem um monte de coisas". Não sei como surgiu a idéia, Júlio também deu uma idéia, e eles escreveram o livro inteiro, o Júlio tem isso gravado.

MV - Será um livro de memórias.

MP - Chama Memórias do Armandinho. E esse livro tem tudo o que ele achava do bairro, o que ele achava de todo o mundo, sabe. É um livro que agora o Júlio Moreno... é até engraçado, né? O que as pessoas falam assim: que quando você tá pra morrer, você libera de morrer ou não. Você já ouviu falar naquela coisa, por exemplo, que se os familiares tiverem no quarto, não morre, tem uma história que você prende a alma. E o meu pai ficou em coma, ele estava mal já fazia um mês. O prefácio do livro foi lido pra ele domingo, na segunda-feira ele entrou em coma profundo. Então a gente brincou, falou: "acho que ele não ia morrer mesmo".

MV - O prefácio foi escrito pelo Júlio?

MP - Não, foi feito pelo Whitacker, como é que é o nome dele? Acho que é Francisco Whitacker, da USP, eu acho, mas eu te dou direitinho depois. É uma

peessoa que meu pai admirava muito. Mas o prefácio era a última coisa que faltava, entendeu? Então, eu acho que esse livro já retomou bastante do Museu. Mas eu fugi da pergunta que você estava fazendo. A gente pretende fazer esse lançamento do livro, fazer uma agitação com esse lançamento aqui no Museu. Tem o aniversário do Museu, no dia 1º de abril, que a gente pretende organizar, fazer uma festa e tudo. A gente tá fazendo tudo isso, primeiro porque tem que fazer mesmo, porque meu pai fazia, porque acho que não se pode perder essa coisa, porque se parar não se retoma mais. Em segundo, é exatamente o que você está falando: eu acho que a gente precisa agitar bem pras pessoas perceberem que não podem parar de trazer coisas, devem trazer as coisas porque o Museu não vai parar. Eu acho que o Museu perdeu a principal peça dele, que era o meu pai, que era quem estava lá, que falava, que explicava, que sabia, mas não pode acabar porque não era isso que ele queria. Então, o que a gente puder agitar de festa pro Museu pegar força de novo a gente vai fazer.

MV - Você conhece essas pessoas que conviviam com o Armandinho? Fica fácil para você entrar em contato com elas? Elas te respeitam como sucessora do Armandinho?

MP - Olha, você sabe que o bolo foi que me deu força. Até o dia do bolo, eu estava meio aí, não sei o que é que vai dar, como vão me receber porque eu sempre participei de tudo, do lado dele, mas não sabia se eu era respeitada. Era aquela coisa de "Ôi, Armandinho" e batiam na minha cabeça. E sabe que não, que no bolo foi uma coisa assim? Nossa! a comunidade me recebeu mesmo.

MV - Conte um pouco sobre o bolo.

MP - É muito maravilhoso.

MV - Antes de você contar sobre este bolo seu, que agora é o seu, de 95, antes disso fale-me como nasceu a idéia do Armandinho comemorar com um bolo o aniversário da cidade e o Bixiga, porque o bolo está ligado diretamente ao Bixiga.

MP - Sabe, Maria, é engraçado, tudo o que a gente fala, volta para o Museu. O meu pai acha que as pessoas ignorantes - porque ele se considerava um ignorante, ignorante por ser semi-analfabeto, não sei o quê - então ele achava que as pessoas que não tinham estudo não aproveitavam, porque tudo que se faz é acadêmico, tudo que se faz é sério, então ele vivia falando isso. Porque a gente tem uma tradição aqui em casa: pode não ter festa, não ter nada, mas tem que apagar velinhas, porque senão dá azar naquele ano. A gente sempre falou isso, e ele falava assim: "São Paulo não tem bolo, a festa pra eles é hastear bandeira, cantar hinos, mas não tem bolo". Ele ficava revoltado, é por isso que eu falo, era a forma inocente dele pensar: por que não tem bolo se é aniversário da cidade? Uma vez a gente viu na televisão, aí então ele teve a idéia do bolo. Ele queria fazer um bolo, mas estava assim na cabeça dele, como é que a gente faria o bolo. E teve um bolo, acho que foi na Irlanda, que eles bateram um recorde

mundial, acho que o bolo era de 1 km, e em espiral. Era sempre assim que surgiam as idéias dele. Daí ele falou assim: "O ano que vem eu vou fazer um bolo de 1 km e meio, na Ruy Barbosa". Como é que vai fazer, não vai, você está louco, vou fazer e fez o bolo e bateu o recorde mundial.

MV - Em que época começou?

MP - O bolo começou em 85. Daí fez esse bolo maior e fez a seguinte promessa: que enquanto não fosse batido o mesmo recorde, o bolo teria o tamanho da cidade de São Paulo, entendeu? Agora, o fato de ser no Bixiga, Maria, é porque não adianta nada meu pai fazer fora do Bixiga, o negócio dele era o Bixiga, porque a casa dele era o Bixiga e porque ele sabia, por isso é que falo, as pessoas aqui no Bixiga... Você viu o que aconteceu agora com o homem do estacionamento. Ele ligou porque tem uma fôrma lá, para eu ir buscar. As coisas acontecem aqui no Bixiga, todo mundo tem respeito mútuo. A tua pergunta era porque o bolo tem de ser no Bixiga. Porque aqui é que a gente é bem recebido, então tem aquelas coisa assim: no começo o bolo era do Bixiga, agora não, acho que o bolo é da cidade, vem gente da cidade inteira.

MV - Você dedicaria, então, o primeiro bolo ao Museu, à atividade do Armandinho no Museu?

MP - Até hoje. Até hoje o bolo está ligado ao Museu, é a única coisa que a gente exige, a gente não pega dinheiro pra fazer o bolo, não pega nada e a gente libera o patrocinador - pode falar o nome? - o Supermercado que deu. Meu acordo com o "Extra" é o seguinte: o "Extra" patrocina e a iniciativa é do Museu do Bixiga. A partir daí, quem quiser pode falar o que quiser do bolo, só não pode usar a palavra patrocínio, que não seria justo, já que ele (o supermercado) deu o bolo inteiro, o glacê inteiro; nem a iniciativa, porque a iniciativa é do Museu do Bixiga. Então, por exemplo, esse ano muita gente perguntou, teve um monte de reportagem porque o meu pai tinha citado de fazer o bolo na Paulista esse ano, que agora ele acha que o bolo tomou uma proporção muito grande, que agora a Ruy Barbosa está ficando pequena, e está mesmo, está difícil já de fazer na Ruy Barbosa, e que ele queria fazer na Paulista. Então eu falei que ia fazer um plebiscito no bairro e ver o que as pessoas acham de levar o bolo pra Paulista. Porque eu coloco o Museu como o organizador da festa, tudo é o povo inteiro que faz. Hoje em dia, eu acho que nem é o povo do Bixiga mais, mas é o povo da cidade inteira. Mas, quem é que decide se vamos fazer o bolo na Paulista? Então é o que eu falei, o que vou fazer é colocar uma urna no Museu, nos restaurantes, no "Extra" e vamos votar.

MV - E você pretende fazer isso mais para o fim do ano?

MP - Eu acho que a partir de novembro, não, não, em junho, pra poder organizar. Porque na Paulista, aí sim, Maria, iria continuar a ser iniciativa do Museu do Bixiga.

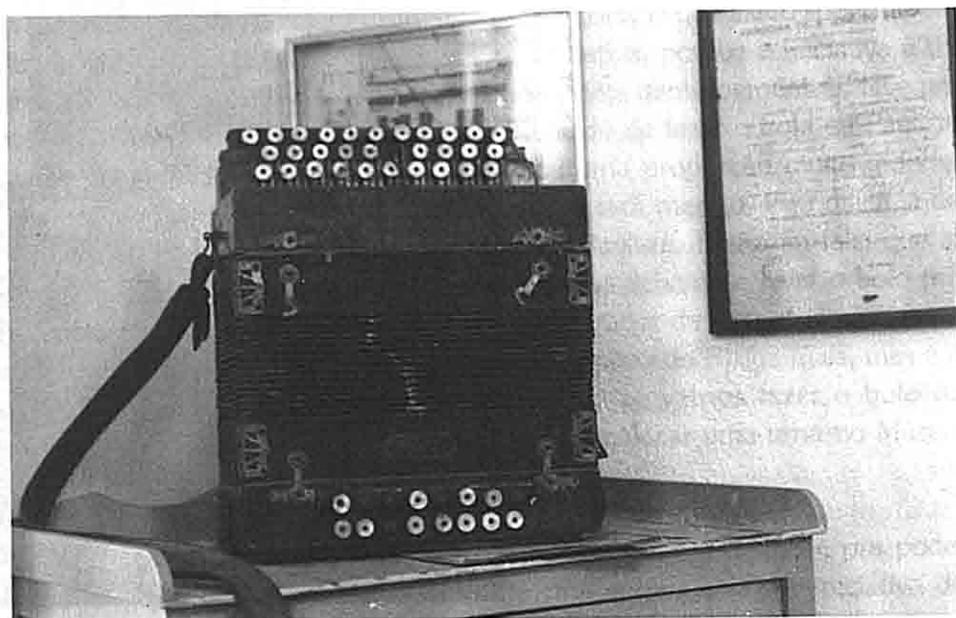
MV - Sempre do Museu do Bixiga?



Vistas parciais da sala do Museu.



Objetos doados por moradores do bairro.



Harmônica utilizada no Bixiga, a partir de 1910.

MP - É muito complicado. Então, você imagina se a gente conseguisse fazer um bolo, que era o sonho do meu pai, da Gazeta para a Consolação? Não há "Extra" que dê bolo, né?

MV - O bolo está muito ligado a este bairro também, não?

MP - É verdade.

MV - Há todo um envolvimento com o bairro.

MP - Olha, eu acho que não vai passar pra Paulista, porque a imprensa pegou umas reportagens em que o pessoal está todo malhando os repórteres: "Que é isso que o bolo vai pra Paulista?" "Não pode, o bolo é do Bixiga". Tem uma mulher que falou assim, e eu achei engraçado: "Não, não pode o bolo passar pra Paulista porque aí vai ter um monte de gente querendo mandar na gente". Aqui não tem, entra pra ajudar quem quer, pula a porta quem quer, vai à festa quem quer.

MV - Seu pai sempre comentava o fato de o Bixiga ser um bairro de italianos e descendentes de italianos; e uma das razões pelas quais ele quis fazer o Museu do Bixiga foi manter não apenas a memória dos moradores, italianos ou não, mas essa mistura de contatos de duas nacionalidades. Como é que você, que vivenciou esse momento, encarou o fato de italianos e brasileiros estarem em contato e resultar nessa espontaneidade que o Bixiga tem? Você acha que isso prevalece ainda hoje na fala, na pronúncia, nos costumes?

MP - Ah! eu acho que sim, que tem uma presença muito grande. Eu acho que a raça italiana é muito parecida com os brasileiros. Por isso essa coisa, é engraçado. Nós já não temos italianos, a gente pega esse negócio de falar alto, de fazer tudo atrapalhado e não sei o quê. No Bixiga acho que são italianos mesmos, mesmo os brasileiros que moram aqui são italianos.

MV - Seus vizinhos são descendentes de italianos?

MP - Meus vizinhos aqui da esquerda não são italianos, mas você já vê ela conversando: "F. não sei quem tá aí", e coisa e tal, porque isso pega. Quando eles vieram morar aqui, eles davam risada porque a gente fazia isso, mas pega, porque eu acho que contagia. Por exemplo, a maioria das cantinas de São Paulo são tudo de origem italiana e em todas as cantinas que você entra as pessoas estão falando alto. Não significa que todo mundo que está ali é italiano, percebe? Mesmo eu, se for jantar num restaurante francês, eu vou falar baixo. Então, é por isso que eu falo, tem esse negócio de italiano. Italiano eu acho que contagia, essa coisa de italiano de falar alto, de dar risada alto, de abraçar todo mundo, de não sei o quê...

MV - No dia a dia, vocês conservam, internamente, os costumes, deixando de lado a fala, costumes que vocês conservam de memória, que vão passando de avô para neto...

MP - Tudo, tudo. Olha, o Bixiga é um bairro machista, eu acho, sabe, não machista, mas, por exemplo, às 7 horas da noite, se você passar aqui todos os

homens estão na esquina conversando, batendo papo, bebendo cerveja e as mulheres estão em casa. Tem toda essa coisa italiana, por exemplo, macarrão...

MV - As mulheres, às vezes, saem dessa ordem, de cuidar da casa, já vão trabalhar fora.

MP - Já sai.

MV - Sai a sua geração, não é?

MP - Sai a minha geração, os mais antigos, não. A minha mãe tem 59 anos, não sairia jamais para trabalhar. Agora eu até estou vendo que, se quisesse, ela sairia, mas com meu pai vivo, não. Não é que ele achava errado mulher trabalhar, não é isso, só que ele foi criado assim: a mulher tem que olhar o filho e o marido tem que sustentar a casa. E o Bixiga tem isso, ainda tem.

MV - Agora você é a dona da casa, o cabeça da família e tem essa responsabilidade de cuidar de sua mãe?

MP - Exatamente. Minha mãe fala assim: "Ah, vocês me dão ordem". Mas não é ordem, é que meu pai sempre tratou a minha mãe como bibelô. Ele achava que o bom marido tem que poupar a mulher dos problemas porque ela tá em casa, ela não foi trabalhar, então ela não tem culpa das coisas erradas que acontecem. Se não tem dinheiro para pagar a conta da luz, a mulher não tem que saber e é engraçado porque agora que meu pai faleceu eu peguei isso.

MV - Você está protegendo a sua mãe?

MP - Estou.

MV - Isso é um costume mais ou menos generalizado do grupo?

MP - Do bairro. Eu acho que é. Dessa geração de 60 anos e tudo, os homens, essa italianada que você está colocando, os homens são machistas, não machista no sentido mau da coisa.

MV - As mulheres participavam ou participam do Museu do Bixiga, da coleta de material, desta organização? Ou o Museu seria uma coisa só de homens?

MP - Não, não, de mulheres, de família...

MV - Sua mãe ia ao Museu?

MP - Ia. O Museu dá de fundo aqui na casa, então, todo dia ela sobe no Museu e limpa lá. Então, ela sabe melhor do que a gente se uma foto está sumindo, quando tem uma peça quebrando, porque ela é que limpa peça por peça, ela olha foto por foto. O Museu é uma coisa de família. É difícil vir, por exemplo, só uma pessoa trazer a foto de uma pessoa que faleceu. Vem ela com o marido, com os filhos, com os netos e mostra, olha filho, o vovô. O Museu é uma coisa de comunidade mesmo.

MV - A idéia básica dessa cantina que vocês têm era conseguir subsídios, fundos, para o Museu ou era um meio de vida, apenas?

MP - Sabe o que acontece, Maria? O Museu não tem, não recebe verbas de ninguém, então ele tem um certo gasto, porque tem luz, tem água, tem essa pessoa, o seo Ângelo, que a gente tem que pagar. Ele não é um funcionário, a gente

não considera ele um funcionário porque até se não pagasse ele ficaria mesmo, eu acho que sim. Mas é uma pessoa que, puxa vida, bem ou mal você tem que dar um presentinho. Então, é por isso que a gente abre só de domingo, porque não é um restaurante, a gente faz só um evento pra levar o Museu pra frente. Porque a gente, e agora muito mais, eu preciso disso, porque você vê, o meu pai se virava, e eu não tenho condições de pagar água, pagar luz... não dá, entendeu? Agora, na verdade, esse galpão atrás do Museu, que não é um restaurante, é um galpão que foi construído com a seguinte intenção: ele serve à comunidade do bairro. Vamos supor: o *Jornal do Bairro* quer fazer uma reunião? Pode fazer no galpão. Tem um coral que ensaia aí todo o sábado, o Coral do Bixiga. Todas as escolas municipais e estaduais, a gente oferece se quer fazer a formatura, e nada disso é cobrado. Então, seria um espaço... tudo é cedido. Olha, eu acho que já tiveram umas 70 formaturas ali, então cada mãe traz um prato e faz a formatura. Vamos supor, se for fundada uma Associação no Bixiga, pode fazer reunião aí quanto quiser, é aberto. Então esse galpão, a idéia dele ser construído foi para ser cedido ao bairro, pra fazer essas coisas. Agora, é lógico que se vier uma pessoa sozinha dizendo, eu queria fazer meu aniversário aí, você me aluga? Alugo. Talvez alugue.

MV - Então vocês fazem essa diferença: quando é para um particular, vocês alugam. Se é para a comunidade vocês cedem...

MP - Gratuitamente.

MV - Uma idéia, Maria Paula, seria vocês criarem uma Sociedade dos Amigos do Museu do Bixiga, com uma mensalidade.

MP - Olha, isso tinha até sido estudado pelo meu pai. Você até vai dar risada, a gente tem um pouco de medo de coisa que envolve dinheiro, sabe?

MV - Realmente, é complicado.

MP - Porque, primeiro, a magia do Museu é essa coisa dele andar sem dinheiro. Segundo, se tivesse pessoas que pagassem mensalidade, eu ia ter que prestar conta, eu teria que dar satisfação, o que hoje em dia não é o que acontece. Hoje ninguém pode falar assim, que eu tenho o Museu porque ele é interessante pra mim, mas não é, não é. O Museu hoje em dia eu tenho porque eu amo o Museu.

MV - É uma relação de amor e tradição.

MP - Você percebe? Essa coisa de dinheiro seria muito necessária, mas eu acho, Maria, que, se um dia eu vir que não vai dar, vamos supor, se daqui a um ano eu parar e falar: não, eu não vou conseguir levar o Museu pra frente, então tá, então vamos correr atrás, vamos pegar as cantinas do bairro e cada uma dá 100 reais por mês e vamos levar o Museu pra frente. Bom, mas enquanto dá pro Museu sobreviver sozinho, eu acho que ele tem que sobreviver sozinho, porque senão ele vai perder a magia dele. O negócio do meu pai, por exemplo, todo o mundo falava assim: "Armandinho, por que você não se candidata?"



Retrato e objetos do compositor Adoniran Barbosa.



Modelo de tocador de manivela (Inglaterra, s/d.) e 1º gravador de fita (EUA, 1938).

MV - A vereador? A deputado?

MP - É, então ele falava assim: "Sabe por que não vou me candidatar nunca? Porque se eu me candidatar as pessoas vão achar o porquê de eu ter feito tudo isso. Ah, então ele não fazia por amor, ele fazia porque tinha a intenção de, um dia, ser um político". Então, o meu pai tinha muita preocupação com essa coisa de, eu faço por amor e quero que ninguém fale o contrário. Entendeu? Vou te dar um exemplo. Esse ano eu cheguei pra essa Comissão que eu te falei e disse: "Olha, fizeram o bolo, e esse bolo tinha uma bandeira", não sei se você chegou a ver.

MV - Não, não vi.

MP - E essa bandeira tinha 5 metros, em que foi desenhado o rosto de meu pai. Tinham que colocar 30 faixas pelas ruas do Bixiga, tinha que ter 2 carros transportando o bolo, do "Extra" pra Ruy Barbosa. Então, a gente fez uma reunião e as pessoas falavam assim: "Bom e aí? e esse dinheiro? Você vai ter que pagar as pessoas que puserem as faixas, porque o "Extra" dá as faixas, mas você vai ter que colocar. Você vai ter que pagar pelo menos uns 10 ou 12 homens, oficialmente, para ficar no meio, organizando. Você vai ter que pagar os 2 carros, pelo menos a gasolina dos carros. Bom, então como é que a gente faz?" "Então a gente procura alguém pra dar esse dinheiro". Eu falei: "Olha, não, a gente faz uma vaquinha entre a gente ou eu tiro do meu bolso. Eu não quero dinheiro, não quero. Porque as pessoas iam com boa vontade, mas meu medo era o seguinte, Maria: vai que por uma boa vontade pelo meu pai que é falecido, o "Extra" me dava 3.000 reais e eu falava: "Ah, então o Armandinho pegava dinheiro com o bolo". Você entendeu qual era o meu medo? Então, eu falei: "Gente, pelo amor de Deus, não me dêem dinheiro, porque eu vou queimar meu pai depois de morto, se eu receber dinheiro agora, tá certo? Então não quero um tostão, pelo amor de Deus. É por isso que eu falo que o Bixiga tem uma magia. Aí que que aconteceu? Os 2 carros foram os carros de minha prima e da minha amiga que ajudaram. Quem colocou as faixas foram duas pessoas que ajudavam a gente de domingo e não quiseram pegar dinheiro. Então, a coisa começou a rodar de uma tal forma que eu falava assim: "Não, gente, mas espera aí, eu preciso dar alguma coisa pra vocês". "Por que? O bolo é seu?" Entendeu? Então, é por isso que é essa coisa bonita, eles acham que não têm que receber.

MV - Todos têm uma participação, não é?

MP - Todos têm uma participação. Eles falavam: "Não é você que tem que pagar, o bolo é nosso, o bolo é do bairro". Tá certo? Então, Maria, eu acho muito bonito essa coisa de tudo acontecer ... Olha, meu pai, ele tinha uma coisa que eu acho que ele nunca falou isso, mas que eu sempre falava pra ele. O mundo gira em torno do dinheiro, você concorda? Não é por maldade, não é por interesse, não é por nada, é que todo mundo precisa de dinheiro, então tudo que você faz pela vida gira em torno do dinheiro. Eu acho que meu pai conseguia

fazer um movimento de bairro, um movimento que a imprensa pegava, saía na Europa, nos jornais da Europa, tudo sem um tostão. Então, que é que eu acho? Acho que ele conseguiu provar que se pode ser feliz.

MV - Você guarda as referências que saíam nos jornais sobre o Armandinho?

MP - Tenho, tenho, 90% das coisas eu tenho arquivadas, tenho no Museu. Então eu acho que é assim, o mais bonito disso tudo é que ele conseguiu provar que dá pra você ajudar sem dinheiro, tá certo? Ele sempre foi pobre, nasceu pobre, morreu pobre e ajudou um monte de gente, quer dizer, o negócio não é dinheiro, não é só dinheiro.

MV - É a boa vontade com que as pessoas entendem esse empreendimento.

MP - Olha, tinha uma festa que eu vou tentar retomar esse ano.

MV - É isso que eu também queria saber, sobre as festas.

MP - É, tem uma das festas que é agora. O Bloco dos Esfarrapados, vai ter, vai sair.

MV - Ele está ligado à Vai-Vai ou é separado?

MP - Não, tudo é ligado à Vai-Vai. O Museu, a Vai-Vai, não dá pra separar. Por exemplo, o bolo, a iniciativa é do Museu do Bixiga, mas a Vai-Vai participou, a Vai-Vai ajudou, todos os diretores de harmonia estavam no bolo ajudando. Não tem como separar. Agora, o Bloco, que era isso que ia te contar, você perguntou da Vai-Vai. Olha, eu preciso de um trio elétrico pra levar o bloco, porque o bloco hoje sai com 5 mil pessoas. Então, não adianta mais um batuque, porque quem estiver a 100 metros do batuque não ouve mais o batuque, não tem como dançar. Então eu preciso de um trio elétrico, e umas duas semanas depois de meu pai ter falecido, eu tava na Vai-Vai e um cara me perguntou: "E aí, o bloco vai sair, vai ter bloco?" "Olha, eu não sei, eu preciso correr atrás de patrocínio, ver se alguém me dá um trio elétrico". Então, ele falou assim pra mim: "Bom, se não der o trio elétrico, a gente põe 70 batuques da Vai-Vai". Você entendeu? Então, tem essa coisa, se sair, melhor, ótimo, porque a idéia é o trio elétrico, agora, se não tiver o trio elétrico, o bloco vai sair.

MV - E sairá na segunda-feira de Carnaval, como tradicionalmente?

MP - Na segunda-feira de Carnaval, normalmente, ao meio-dia. Agora, é o que eu tava falando, que a gente tinha ficado nesse negócio de dinheiro. A festa que mais me empolgou, que agora tá mais na minha cabeça, é uma festa que meu pai fez algumas vezes e até tinha parado, no ano passado ele não tinha feito. Ele pegava a Ruy Barbosa, no dia de São João, pedia para a Regional da Sé, Prefeitura, montava, vamos supor, só pra você entender, 30 barracas, e cada escola do bairro, municipal ou estadual, teria direito a uma barraca. Pra vender o que quisesse, e isso era feito sob doação, por exemplo, a família dos alunos, sei lá, dava um bolo de fubá, outra não sei o quê. A escola vendia e esse dinheiro era revertido em prol da escola. Então, em uma das barracas, a gente fazia a bar-

raca do Museu do Bixiga. Então, é uma festa que não vai gastar um tostão, é verdade ou mentira? Você não precisa de nada, você precisa só de barraquinhas, só. É uma festa linda.

MV - A Prefeitura doa as barraquinhas?

MP - Doa, empresta, eles montam, não sei se a Administração da Sé ou a Prefeitura, mas por isso é que eu digo, eu queria retomar o Museu, mas é com essas coisas, porque eu acho que o Museu é muito mais do que essa coisa histórica.

MV - Seu pai me falou, na última entrevista que fizemos, sobre o problema da Semana Santa, a lavagem que ele fez algumas vezes das escadarias da igreja de Nossa Senhora Achiropita. Eu gostaria que você comentasse um pouco o problema da religião. Ela está ligada ao Museu? Há envolvimento dos católicos com o Museu? O bairro é católico ainda, ou não?

MP - Eu acho que é sim. O bairro é católico, inclusive eu acho que uma das festas que mais promovem o bairro é a festa da Achiropita.

MV - O Museu não participa dessa festa?

MP - Olha, o Museu não participa porque hoje acho que a festa também já anda sozinha e tudo, sabe? A gente realmente não tem ajudado na festa da Achiropita, se precisar, pelo amor de Deus, o Museu tá aí e a gente não tem dúvida que fará.

MV - A lavagem, então, é algo que independe de vocês?

MP - Não, a gente até poderia tentar retomar. É, tem várias coisas, tem a lavagem, teve a Maratona que eles tomavam o chope. Tem um monte de coisas, Maria, você sabe que essas festas, eu não sei te falar um por um os motivos porque acabou. Mas deve ter um porquê, às vezes, porque vai perdendo a magia, as pessoas vão vindo menos, alguma coisa desse tipo, às vezes é confuso. Por exemplo, a lavagem da escadaria era uma coisa bem complicada de se fazer, porque eram pessoas que tinham que ter essa coisa (fé), é, não sei.

MV - Religião mesmo.

MP - Tudo religião. Agora, é tudo pra se pensar.

MV - Isso veio de outros lugares. Não é tradição daqui, talvez por isso...

MP - Eu não sei, não sei te dizer exatamente porque parou. Mas a gente vai retomar, provavelmente.

MV - E a Feira de Trocas do Bixiga? Existe ainda um contato de vocês com ela, ou ela vai sozinha, agora?

MP - Também já está sozinha. Acho que a intenção do meu pai, apesar dele nunca ter deixado isso esclarecido também, acho que tem uma coisa assim. Olha, o Museu quer participar de tudo, o que já vai sozinho, já é bom pro bairro, porque o Museu, na verdade, a finalidade principal dele é resguardar a memória do bairro, são essas peças, tudo. Então, todas essas coisas que promovem o Museu acho que é uma parte do Museu pra continuar deixando o bairro em evidência. As pessoas têm um carinho pelo bairro.